



PLANEJAMENTO EDUCACIONAL E GESTÃO DO ENSINO

Fone: (61) 3031-1900 – (61) 9.9992-0708
www.ibedf.com.br

BEM-VINDO AO IBE!

Você terá à sua disposição, um bloco didático (MÓDULO + CADERNO DE AVALIAÇÃO) estruturado para a sua auto-aprendizagem que contém a totalidade da matéria que incidirá sobre a Avaliação Final. O estudo inclui o Apoio Tutorial a distância, sempre que necessário.

COMO ESTUDAR?

- É importante a exploração atenciosa dos conteúdos, a fim de observar o modo como cada unidade está construída, o objetivo do estudo, os títulos e subtítulos, para se obter uma visão de conjunto e recordar conhecimentos anteriores.
- Leitura compreensiva rápida - permitirá uma primeira abordagem;
- Leitura reflexiva – para identificar as idéias principais;
- Consolidação da aprendizagem - caracterizada pela revisão da matéria; fase da resolução das atividades para facilitar a compreensão dos conteúdos.

▪ AVALIAÇÃO FINAL:

Constituída por uma Prova escrita e individual, cujas respostas devem revelar compreensão e assimilação dos conteúdos. A Prova deve ser feita somente com caneta preta ou azul. Depois de feita, deverá ser encaminhada ao IBE.

▪ CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DO RENDIMENTO:

7,0 a 7,9 – BOM; 8,0 a 8,9 – MUITO BOM; 9,0 a 9,9 – ÓTIMO

10 - EXCELENTE

Para melhor aproveitamento é necessário:

- Ser auto-motivado; Ser capaz de organizar o seu tempo de estudo;
- Ser responsável por seu próprio aprendizado;

Estar consciente da necessidade de aprendizagem continuada.



SUMÁRIO

Objetivos – Página 3

Unidade I - O ato de planejar – Pág. 4 a 8

Definição de planejamento

Elementos básicos da definição de planejamento

Unidade II O planejamento educacional - Pág. 9 a 15

- Planejar o processo educativo
- Planejamento educacional

Unidade III – A escola e seu planejamento – Pág. 16 a 22

O planejamento - nível de escola

Os professores e o planejamento

O planejamento para o aluno e para o professor

Níveis de planejamento educacional e de ensino.

Unidade IV – O currículo escolar – Pág. 23 a 28

- O que é currículo
- Fases para o planejamento curricular

Unidade V – Plano de curso e plano de disciplina – Pág. 29 a 47

Os alunos e o planejamento da disciplina

O plano de disciplina

A importância do plano de disciplina para o professor

Características de um plano de disciplina

Etapas para elaboração de um plano de disciplina

Sondagem: alunos, professor, escola e comunidade

Definição dos objetivos

Características para uma boa definição dos objetivos

Níveis dos objetivos de ensino

Exemplos de objetivos

Seleção dos conteúdos da disciplina

Critérios para a seleção dos conteúdos

Seleção e organização dos recursos didáticos

Processo de avaliação.

Unidade VI – Projeto – Pág. 48 a 59

- Justificativa
- Caracterização
- Fases típicas da elaboração de projeto
- **Referências Bibliográficas**
- **Caderno de avaliação**

OBJETIVOS DO CURSO

- ✓ Compreender o planejamento como um processo evolutivo que se desenvolve numa sequência dinâmica e progressiva e que engloba várias operações interdependentes.
- ✓ Recuperar o sentido e o valor do planejamento educacional na dinâmica da vida escolar.
- ✓ Analisar os aspectos que caracterizam o planejamento educacional.
- ✓ Compreender que o planejamento educacional é feito e se desenvolve em vários e em determinados níveis.

Equipe Pedagógica
IBE - Instituto Brasileiro de Educação

UNIDADE I

O ATO DE PLANEJAR

O ato de planejar é uma preocupação que envolve toda ação ou qualquer empreendimento da pessoa. Sonhar com algo de forma objetiva e clara é uma situação que requer um ato de planejar.

O planejar foi uma realidade que acompanhou a trajetória histórica da humanidade. O homem sempre sonhou, pensou e imaginou algo na sua vida. O homem primitivo, no seu modo e habilidade de pensar, imaginou como deveria agir para vencer os obstáculos que se interpunham na sua vida diária. Pensava nas estratégias de como caçar, pescar, catar frutas, e de como deveria atacar os seus inimigos.

A história do homem é um reflexo do seu pensar sobre o presente, passado e futuro. O homem pensa sobre o que fez; o que deixou de fazer; sobre o que está fazendo e o que pretende fazer. O ato de pensar não deixa de ser um verdadeiro ato de planejar. A mais simples das pessoas diz: quero isto ou aquilo, como devo agir, que meios tenho para alcançar o desejado, qual o melhor caminho a seguir, quem pode me ajudar, quando devo fazer?

Portanto, justificar a necessidade de planejar parece não ser tão necessária; pois o homem hoje e sempre fez e faz planejamento das suas ações. Sendo assim, tudo é pensado e planejado na vida humana.

A indústria, o comércio, a agricultura, a política, os grupos sociais, a família e os indivíduos fazem os seus planejamentos, por escrito, mental ou oralmente, mas sempre esboçam o seu modo de agir. Muitos estruturam planos sérios, válidos, úteis e viáveis; outros elaboram planos sem

validade, sem utilidade, isto é, planejam até as inutilidades para ver se elas conseguem se tornar úteis.

Como se pode ver, todos fazem seus planejamentos. Tudo é pensado: vou fazer isto ou aquilo; faço isto desta ou daquela forma; posso fazer ou não fazer; posso fazer com isto ou com aquilo. Isto tudo acontece porque a pessoa quer alcançar alguma coisa para ela ou para os outros.

Definição de Planejamento

Entende-se por Planejamento um processo de previsão de necessidades e racionalização de emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados e em etapas definidas, a partir do conhecimento e avaliação científica da situação original. (Martinez e Oliveira Lahone, 1977).

Esta definição se caracteriza por um tipo específico de planejamento; por exemplo, planejamento educacional, econômico, industrial, mas ela pode se referir a todos os tipos de planejamento, nos seus elementos básicos. Analisando a definição, num sentido amplo e geral, podemos ver claramente os elementos fundamentais que a constituem e que podem fazer parte inerente de definições específicas de qualquer tipo de planejamento.

Vejamos os Elementos básicos da definição:

1. Processo de prever necessidades:

Por processo entendemos uma sucessão de etapas que se desencadeiam numa sequência lógica, obedecendo normas, métodos e técnicas para atingir algumas finalidades, metas ou objetivos.

Prever é perceber, claramente, o que é possível fazer para se poder resolver situações, a partir das intenções teóricas, a fim de se chegar a um agir concreto. O ato de planejar sempre parte das necessidades e urgências que surgem a partir de uma sondagem sobre a realidade. Esta sondagem da realidade é a primeira etapa do planejamento.

É através do conhecimento da realidade que se pode estabelecer, com mais precisão, quais as mais importantes urgências e necessidades que devem ser enfocadas, analisadas e estudadas durante o ato de planejar. As necessidades devem ser enfrentadas com sabedoria e urgência, isto é, de forma objetiva e realista, para se poder estabelecer quais as mais urgentes a serem atacadas.

2. Processo de racionalização dos meios e dos recursos humanos e materiais.

Racionalizar é saber usar, com sabedoria, a razão para se poder efetivar uma real previsão de todas as condições e dos meios necessários, a fim de poder executar, com eficiência, o plano.

É saber tomar decisões sobre o que se deve usar e sobre quem vai executar o plano. É um momento que envolve um estudo criterioso da realidade, das disponibilidades, das possibilidades dos meios, dos recursos humanos e materiais. Os melhores e mais eficazes meios e recursos sempre devem ser selecionados e organizados a partir dos objetivos do planejamento. São os objetivos que devem decidir sobre os recursos e meios.

3. O processo de planejamento visa o alcance de objetivos em prazos e etapas definidas.

Conhecida a realidade, surge a necessidade da definição dos objetivos para se processar uma mudança da mesma. Uma das etapas principais do processo de planejamento é a definição dos melhores objetivos.

São os objetivos que vão dar toda a orientação e direção à dinâmica do processo de planejamento, como também à sua execução. Os objetivos constituem o núcleo e a dinâmica do planejamento; são eles que determinam e orientam todas as demais etapas do ato de planejar. Os objetivos não só expressam intenções claras e bem definidas, como também estabelecem, em termos bem determinados, as etapas e prazos a serem desenvolvidos.

Quando se deve iniciar a execução; até onde podemos ir, quando devemos ou podemos terminar? São perguntas que os planejadores devem fazer e responder corretamente, durante o processo de planejar, para que este possa delinear toda a dimensão e execução do plano. Os objetivos para qualquer tipo de planejamento devem ser expressos em

termos claros, concretos e de forma que digam exatamente o que se quer alcançar.

4. O processo de planejamento requer conhecimento e avaliação científica da situação original.

Dado que o objetivo do planejamento é prever mudanças de uma situação real, o próprio ato de planejar deve se submeter a uma constante avaliação durante todo o processo.

A avaliação do processo de planejamento deve ser a mais criteriosa e científica, para se evitar falhas na sua elaboração e estruturação. O planejamento deve ser constantemente avaliado e reavaliado, para se poder observar a concordância ou discordância entre os seus elementos constitutivos.

Concluindo, podemos dizer que todo planejamento requer:

- ⇒ Conhecimento da realidade, das suas urgências, necessidades e tendências;
- ⇒ Definição de objetivos claros e significativos;
- ⇒ Determinação de meios e de recursos possíveis, viáveis e disponíveis;
- ⇒ Estabelecimento de critérios e de princípios de avaliação para o processo de planejamento e execução;
- ⇒ Estabelecimento de prazos e etapas para a sua execução.

Planejar, portanto, é pensar sobre aquilo que existe, sobre o que se quer alcançar, com que meio se pretende agir e como avaliar o que se pretende atingir.

Exercício:

1. Faça uma leitura atenta sobre as etapas básicas do processo de planejamento.

UNIDADE II

O PLANEJAMENTO EDUCACIONAL NUMA PERSPECTIVA HUMANA

“Não basta ter educação para que um povo tenha seu destino garantido. É preciso determinar o teor educacional para que se saiba em que direção está caminhando ou deixando de caminhar uma nação”. (Arduini, 1975).

Partindo da idéia de que a educação não basta para dar ao homem um destino garantido, devemos entendê-la como um processo que não consegue ao homem tudo de que ele necessita. Deve ser entendida a partir de uma visão total de homem e de mundo, no qual ele está inserido como um ser que tem uma trajetória a vencer.

Mas, para que tenhamos esta visão total, necessário se faz entender o homem em todas as suas dimensões pessoais, para ajudá-lo a escolher os seus melhores caminhos, ou o seu melhor destino. O destino deve e pode ser sempre uma opção livre e consciente de uma pessoa consciente e livre.

A educação deve estabelecer as direções, traçar caminhos, indicar metas, fins e objetivos. Para isso é necessário que o processo da educação faça uma previsão e o planejamento de todo o processo educacional.

A partir disso, deduzimos que o planejamento é o instrumento básico de todo o processo educativo, que nos pode indicar as direções a seguir. Contudo, este planejamento deve partir da realidade radical, que é o homem e o seu viver.

Planejar o processo educativo

É necessário um planejamento que dimensione o processo educativo e reconstrutivo do homem, que vise planejar a ação educativa para que o homem viva o presente e, ao mesmo tempo, se projete para o futuro, que está cada vez mais próximo.

Ainda é necessário planejar o processo educativo para que o homem se lance na busca do seu viver, para que encontre um sentido de vida e solução para seus problemas. É necessário planejar o processo educativo para que o homem não se limite, mas se liberte, numa perspectiva dinâmica de ser para a vida.

A educação também não deve ter o objetivo de dirigir a aprendizagem à exclusividade de certos assuntos determinados, propostos por sistemas políticos ou por certas ideologias. Tal educação impediria o homem de tomar suas decisões e fazer suas opções pessoais. Daí por que se faz necessário planejar a educação para que ela não bloqueie os processos de crescimento e a evolução do homem.

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque a educação não é um processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos decorrentes de uma ação puramente mecânica e impensável.

O planejamento educacional não pode estar limitado por uma visão individualista, que procure conformar o ser humano a um sistema de restritas visões, sem que as suas necessidades básicas sejam satisfatórias. É preciso planejar uma educação que, pelo seu processo dinâmico, possa ser criadora e libertadora do homem.

Planejar uma educação que não limite, que conscientize e comprometa o aluno diante do seu mundo. Este é o teor que se deve inserir em qualquer planejamento educacional. Deste modo, todo o planejamento educacional deve ser orientado por uma profunda filosofia da educação.

Por que a filosofia como orientadora do planejamento?

Por que é a filosofia que determina **um quê fazer e um como fazer** diante da realidade. A filosofia é a orientadora do “quê fazer humano”.

O planejamento educacional deve refletir sobre os princípios educacionais que são capazes de orientar o homem. Deve refletir sobre que tipo de educação é necessário para a integração e desenvolvimento do homem e da sociedade.

Um planejamento que se preocupa em devolver aos indivíduos a revitalização pessoal, os direitos, as responsabilidades e o comprometimento consigo e com os outros.

Um planejamento que tenha como ponto de apoio, o homem e o seu viver, os valores e as necessidades humanas, os problemas e o desejo de vencer, enfim, o homem como um ser que vive a sua vida.

Planejamento Educacional

O planejamento educacional não é um ditador de normas rígidas e inflexíveis, mas é algo altamente democrático, é um processo que evolui, que avança e não permanece estático.

A educação não pode ser desenvolvida sem uma meta, sem um caminho que a direcione para o seu fim essencial. Dada a complexidade atual dos problemas educacionais, não se pode conceber o processo educacional como uma série de atividades e normas desconexas, mas como resultado de um verdadeiro planejamento, continuamente renovado, composto dos seguintes elementos:

- Reconhecimento das urgências na educação;
- Elaboração das metas educacionais, fixando as prioridades;
- Senso e ordenação de recursos humanos disponíveis;
- Senso dos instrumentos e meios institucionais, financeiros e outros;
- Elaboração das etapas do planejamento.

A educação, como processo, jamais pode ser desenvolvida isoladamente, quer dizer, fora do contexto nacional, regional e comunitário da escola. Por isso, todo o processo educacional requer um planejamento em termos nacionais, estaduais, regionais e requer também um planejamento a nível de escola e um outro específico de ensino, relativo às diferentes disciplinas e conteúdos.

“Planejamento é antes de tudo, aplicar à própria educação aquilo que os verdadeiros educadores se esforçam por inculcar a seus alunos; uma abordagem racional e científica dos problemas.

Tal abordagem supõe a determinação dos objetivos e dos recursos disponíveis, a análise das consequências que advirão das diversas atuações possíveis, a escolha entre essas possibilidades, a determinação de metas específicas a atingir em prazos bem definidos e, finalmente o

desenvolvimento dos meios mais eficazes para implantar a política escolhida.

Assim concebido, o planejamento educacional significa bem mais que a elaboração de um projeto: é um processo contínuo que engloba uma série de operações interdependentes”. (UNESCO, 1968)

A partir dessa definição, podemos destacar e analisar os aspectos mais importantes que caracterizam o planejamento educacional:

- **Uma abordagem racional e científica dos problemas.**

De acordo com esse enfoque, somos levados a dizer que o primeiro passo que antecede ao ato de planejar é fazer uma sondagem da realidade educacional, a que vai se destinar o plano.

Através dessa abordagem deve - se descobrir quais os reais problemas, quais as reais necessidades que devem ser atacadas, quais as carências e urgências mais prementes, quais as possibilidades e disponibilidades que a realidade oferece para se executar o plano.

- **Determinação dos objetivos e dos recursos**

De tal abordagem, os planejadores devem ter uma visão ampla e profunda das reais necessidades e das possibilidades da comunidade a que se destina o plano. E a partir desse conhecimento podem determinar quais são os verdadeiros objetivos, e assim poder definir os objetivos em termos de evidências, para se tomar as mais acertadas decisões no ato de planejar e executar. É importante lembrar também que, se não for feita uma previsão de recursos, o plano será fadado ao fracasso.

- **Análise das consequências que advirão das diversas atuações possíveis, a escolha entre essas possibilidades.**

Sempre que se desencadeia uma ação sobre uma realidade qualquer, é evidente que surjam consequências de toda ordem. A mudança

de uma realidade provoca as mais diversas consequências. Por isso, essas possíveis consequências devem ser analisadas nas mais diversas direções que possam tomar. Da previsão das consequências que se fará ao planejar, deve-se escolher as que serão mais consequentes sobre a realidade, ou mesmo tentar evitar as que poderão influenciar de maneira negativa.

- **A determinação de metas específicas a atingir em prazos bem definidos.**

Conhecida a realidade, as necessidades, os recursos e as possíveis consequências, se faz necessário estabelecer as metas que se querem atingir e o destino que se quer chegar: são questões que exigem dos planejadores uma série de reflexões para que se possam tomar as mais acertadas decisões.

Determinar quais os objetivos que se quer alcançar, quais os mais urgentes, e os que devem ser atacados a curto prazo. Definir as metas e objetivos e estabelecer com objetividade o prazo em que devem ser atingidos.

Outro aspecto que não deve ser relegado na definição das metas e objetivos é uma definição clara e precisa, em termos específicos e claros, das metas e objetivo. “Um sistema de ensino cujos objetivos são imprecisos é como um barco que navega sem destino (UNESCO, 1968).

- **O desenvolvimento dos meios mais eficazes para implantar a política escolhida.**

Selecionados os meios e recursos, surge toda uma série de implicações para se agilizar os próprios meios e recursos. Se não houver condições para o emprego dos melhores meios e recursos das diversas ordens, a política escolhida poderá ser totalmente frustrada. Caso esses

meios não existam, haverá, então, a necessidade de provocar o surgimento de outros meios eficazes.

- ***Planejamento educacional significa bem mais que a elaboração de um projeto: é um processo contínuo, que engloba uma série de operações interdependentes.***

O planejamento educacional não se limita a ser estruturado por uma série de projetos isolados e desenvolvidos em áreas específicas, ele é um processo global que vai desde a definição de uma filosofia da educação até o estabelecimento dos processos para se desenvolver uma filosofia que oriente todo o processo.

À escola cabe pôr em ação o processo educacional através de seus planos de ação. Esses planos são, propriamente, os planos curriculares que servirão de base para todo o processo educativo da escola.

A escola deve preocupar-se com o planejamento de seu próprio currículo, a fim de atender as suas urgências locais e particulares. Deve ser estabelecido um currículo que possa atender as necessidades dos indivíduos daquela escola. Cabe à escola planejar e ativar o processo educativo para a sua população alvo.

Exercícios:

1. O que é Planejamento Educacional?
2. Por que a filosofia como orientadora do Planejamento?
3. “O planejamento educacional, significa bem mais que a elaboração de um projeto: é um processo contínuo que engloba uma série de operações interdependentes”. (UNESCO, 1968). A partir dessa definição, quais são os aspectos mais importantes que caracterizam o planejamento educacional?

UNIDADE III

A ESCOLA E SEU PLANEJAMENTO

A escola é uma instituição que se “aprimorou” no discurso falado e escrito, a respeito das teorias de planejamento e sobre o próprio ato de planejar.

Planejar, Planejamento e Planos são palavras sofisticadamente pedagógicas e que “rolam” de boca - em - boca no cotidiano da escola. Todos os setores da escola devem ser planejados.

Planejamento da direção, da supervisão, da orientação, dos professores, dos alunos, enfim, planejamento para todos os serviços existentes na escola. Muitos chegam a ter a ousadia pedagógica de falar em planejamento “participativo”, onde o aluno dá suas sugestões ao que já foi sacramentado e decidido.

Planejar para melhor executar seria o pedagógico objetivo. Mas, na escola, o planejar por planejar se tornou a verídica realidade da vida escolar. A direção planeja, a supervisão planeja, a orientação, os professores e os alunos planejam.

E qual o resultado desta tendência angustiante de tanto ter que planejar? O que se observa é sempre a mesma rotina, o mesmo cotidiano. Por vezes chegam a chamar de planejamento a certas reuniões enfadonhas, que não passam de uma recitação de avisos.

Desse modo, a vida de uma escola se torna um eterno e infundável planejar. Chegando, às vezes, ao final do ano sem ter concluído o

planejamento. E assim vai “rolando”, “rolando” a ação desplanejada, e o planejamento vai se arrastando na retaguarda da ação. São planejamentos de curso, de disciplina, de conteúdos, de atividades, de aulas, de provas; planejamento de reuniões para planejar, planejamento e mais planejamentos, enfim, só se planeja e pouco se executa, a não ser planejar.

O Planejamento - nível de Escola

O planejamento educacional não pode ser confundido ou interpretado como se fosse um planejamento das atividades de ensino ou das atividades didáticas de uma escola. Essa planificação de atividades escolares, no dizer de Osvaldo Ferreira de Melo (1969), são técnicas de trabalho, usadas pela escola e pelos professores, não constituindo, propriamente, o planejamento educacional.

O planejamento escolar não nega o valor e a necessidade do planejamento educacional, um não limita o outro.

Para Osvaldo Ferreira de Melo “será alienação do especialista (ou do professor) concentrar toda a sua atenção no planejamento escolar, esquecendo-se de que esta técnica de previsão do professor ou da escola, para os seus programas de trabalho, não pode excluir o estudo do planejamento global do fato educativo, dentro do qual serão considerados também a ação docente e as questões de administração escolar” (Ferreira de Melo, 1969).

Por ser a nível de escola em que o planejamento age diretamente sobre o aluno, há a necessidade das escolas elaborarem seus

planejamentos. Partindo da idéia de que é a escola a agente direta e dinamizadora de toda a ação educativa, ela não pode agir em direção de certos objetivos, sem um plano estruturado e organizado, a partir de princípios básicos, para o desenvolvimento do processo educativo.

Os Professores e o Planejamento

Parece ser uma evidência que muitos professores não gostam e pouco simpatizam com a tarefa de planejar as suas atividades escolares. Há uma certa descrença e desconfiança manifestas nos olhos, na vontade e disposição dos professores, quando convocados para planejamento.

Parece haver, entre os professores, uma idéia de que o planejamento é desnecessário e inútil por ser ineficaz e inviável na prática. Isto é, para eles, na ação prática nada acontece do que é planejado. Ele é encarado como algo que existe apenas para satisfazer a burocracia escolar.

A idéia geral é de se faz planejamento porque é exigido e não porque se sente a necessidade de planejar para se desenvolver uma ação organizada, dinâmica e científica.

Muitos dizem que tal determinação serve apenas para preencher papéis e abarrotar gavetas de planos, que nunca vão ser executados. Outros dizem que servem para a direção ou coordenação pedagógica demonstrarem serviços. Outro diz: “hoje os alunos vão perder um dia de aula porque os professores vão ter que planejar para não fazerem nada depois”.

Por que, ainda hoje muitos Professores não gostam de planejar?

- Na verdade, os professores não planejam, mas sim preenchem quadradinhos ou formulários obrigatórios.
- Os professores não gostam porque são obrigados a seguirem esquemas ou modelos rígidos de planejamentos, e desse modo são impedidos de realizarem determinadas inovações, não só no planejamento, como também nas suas atividades docentes.
- Muitos professores não sabem planejar as suas atividades, falta-lhes o conhecimento teórico e prático. Eles não tiveram uma orientação segura e prática de como planejar.
- Os poucos estímulos e incentivos para os professores se aperfeiçoarem nos seus conhecimentos e habilidades de ensinar é mais uma causa que tolhe a iniciativa dos professores quanto ao ato de planejar.

Por tudo isso, o planejamento para os professores se torna um peso que os leva a uma descrença total em relação à validade de planejar.

O Planejamento para o Aluno e para o Professor

Seria desnecessário justificar a importância e a necessidade do planejamento de ensino para a escola, professores e alunos. Mas o que se quer ressaltar é que o primeiro e mais importante objetivo do planejamento

das disciplinas, para uma situação de ensino, serve para que os professores e alunos desenvolvam uma ação eficaz de ensino e aprendizagem. Portanto, se o professor planejar o seu ensino é para ele e para seus alunos, em primeiro lugar. E este plano passa a ser um instrumento de uso pessoal entre professores e alunos.

Em segundo lugar o plano poderá servir a outros setores da escola, para cumprir certas obrigações e exigências administrativas ou burocráticas.

Mas o mais importante é que professores e alunos façam o seu planejamento, a fim de que possam trabalhar eficazmente na sala de aula. Isto porque os atuantes na sala de aula são os professores e os alunos. Portanto, o plano é para os professores e seus alunos. Dessa forma, quem deveria exigir dos professores o planejamento são os alunos.

Para alunos e professores o plano é um roteiro de uso diário na sala de aula; é um guia de trabalho; é um manual de uso constante; enfim, é um roteiro que direciona uma linha de pensamento e ação. Por isso, planejar para depois não trabalhar com o plano, é uma incoerência pedagógica.

Os setores pedagógicos podem e devem fornecer propostas e orientações aos professores de como devem planejar, mas quem decide o modelo de plano são os objetivos dos alunos, do professor e as possibilidades de executá-lo numa determinada classe, considerando a sua realidade.

É bom que haja certa uniformidade na ação pedagógica da escola como um todo, mas em nome da uniformidade não se pode prejudicar o aluno e a ação pedagógica do professor na sala de aula. O importante é que o plano sirva para o professor e para os alunos. Que ele seja útil e

funcional a quem se destina objetivamente, através de uma ação consciente, responsável.

Quem está na escola para ensinar e para aprender, são os que têm as melhores condições e obrigação de planejar a sua ação docente e discente.

Níveis de Planejamento Educacional e de Ensino

O processo de planejamento educacional é feito e se desenvolve em vários e bem determinados níveis. Temos o planejamento a nível nacional, estadual ou de um determinado sistema através do qual se definem e estabelecem as grandes finalidades, metas e objetivos da educação, onde deve estar implícita a própria filosofia da educação que a Nação pretende professar.

No plano nacional de educação se reflete toda a política educacional de um povo, inserido num contexto histórico, que é desenvolvida a longo, médio ou curto prazo.

Num segundo nível, menos abrangente, temos os planos das escolas, com os respectivos cursos, dos quais decorrem os planos curriculares, que definem e expressam a sua filosofia de ação, seus objetivos e toda a dinâmica escolar, os quais fundamentam -se, na filosofia da educação, expressa nos planos nacional e estadual. A partir dos planos curriculares, é planejada, de maneira sistemática e global, toda a ação escolar.

Os planos das escolas vão proporcionar, através dos seus planos setoriais e de ensino, o plano nacional de educação; por isso, é de suma importância que os professores, ao elaborarem seus planejamentos de

ensino, analisem o plano global de educação, para poderem imprimir nos planos de ensino, a filosofia da educação, adaptada pela própria escola.

Num terceiro nível, surgem como decorrência dos planos curriculares, os planos de ensino, que são os planos de disciplinas, de unidades e experiências propostas pela escola, professores, alunos ou pela comunidade. Estes planos de ensino se situam num nível bem mais específico e concreto em relação aos outros. Eles definem e operacionalizam toda a ação escolar, configurada no plano curricular da escola.

Os planos de ensino são os meios para dinamizar a educação e o ensino, numa realidade escolar bem concreta, através do processo de ensino.

Nos planos de ensino são trabalhados os componentes fundamentais do plano curricular. Tais componentes são a filosofia educacional da escola, os objetivos, as disciplinas e os conteúdos.

Os planos de ensino especificam os objetivos, os conteúdos, os recursos humanos e materiais, os procedimentos e o processo de avaliação. Estes planos de ensino compreendem os planos de disciplinas, unidades, de aulas e de outras atividades ou experiências de ensino.

Exercício:

1. Por que a escola precisa planejar o desenvolvimento do seu processo educativo?
2. O processo de planejamento educacional se desenvolve em vários níveis. Explique o que reflete cada um desses níveis.

UNIDADE IV

O CURRÍCULO ESCOLAR

Antes de definir o que é currículo, vamos ver o que não é um currículo escolar. O currículo não é mais entendido, simplesmente, como sendo a relação e distribuição das disciplinas com a sua respectiva carga horária. Não é também o número de horas e dias letivos.

Ele não se constitui apenas por uma seriação de estudos, que chamamos de base curricular para um determinado curso, ou uma listagem de conhecimento e conteúdos das diferentes disciplinas para serem ensinados de forma sistemática, na sala de aula.

O que é currículo?

É algo abrangente, dinâmico e existencial. Ele é entendido numa dimensão profunda e real que envolve todas as situações circunstanciais da vida escolar e social do aluno. Poderíamos dizer que é a escola em ação, isto é, a vida do aluno e de todos os que sobre ele possam ter determinada influência. É o interagir de tudo e de todos que interferem no processo educacional do aluno.

O currículo se refere a todas as situações que o aluno vive, dentro e fora da escola. Por isso, o currículo escolar não se limita a questões ou problemas que só se relacionam ao âmbito da escola. Ele não se restringe às paredes da escola e não surge dentro da escola. Seu primeiro “passo” é

dado fora da escola, para poder entrar nela. Esse procedimento se justifica porque o currículo é constituído por todos os atos da vida de uma pessoa: do passado, do presente e tendo, ainda, uma perspectiva de futuro.

O currículo é um currículo da vida de uma pessoa, e a vida do aluno não está enclausurada dentro de uma escola ou de uma sala de aula.

A vida do aluno não é somente o resultado daquilo que o professor ensina na sala de aula. Quantos conhecimentos, quantas experiências e vivências são adquiridas e assimiladas fora da escola?

Esses conhecimentos não escolares adquiridos fazem parte integrante do seu “curriculum vitae”, por isso, não pode ser desprezado pelo currículo escolar. O currículo escolar não pode estar dissociado do “curriculum vitae”.

Poderíamos também dizer que o currículo deve ser a organização da vida que o aluno vive fora e dentro da escola: sendo, com isso, a estruturação de toda a ação desencadeada na escola, para organizar e desenvolver o “curriculum vitae” do aluno.

Todas as atividades e experiências realizadas e vivenciadas pelo educando e por todo o pessoal envolvido com o educando devem constituir o currículo escolar. Por isso, podemos dizer que o currículo é a vida do aluno e da escola em ação, dinâmica e constante.

Ward G. Reeder dá ao currículo um sentido bem mais amplo do que ser apenas a relação das disciplinas ensinadas na escola. Ou seja, “currículo constitui todas as experiências e atividades realizadas e vividas pelos estudantes sob a orientação da escola, tendo em vista os objetivos visados por esta”.

Podemos deduzir, a partir disso, que o currículo não deve se limitar à estruturação das matérias de ensino, como algo delimitado, devemos ir

bem mais além, aproveitando todas as experiências, as atividades, toda a ação do educando, da escola, da sociedade, exercidas sobre o educando, com o fim de alcançar os objetivos educacionais. Tudo o que promover e ativar o processo educativo deve constituir o currículo escolar.

Planejamento curricular é o processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É a previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno. É instrumento que orienta a educação, como processo dinâmico e integrado de todos os elementos que interagem para a consecução dos objetivos, tanto os do aluno, como os da escola. Para que esse processo atinja os seus propósitos, é necessário, principalmente, planejar toda a ação escolar, que será estruturada através dos planejamentos curriculares.

O plano curricular é de fundamental importância para a escola e para o aluno. Ele é a expressão viva e real da filosofia da educação seguida pela escola, como um todo unificado. Não se pode nem supor uma escola sem uma filosofia claramente definida, devendo esta estar expressa no currículo da escola. Ele ainda determina os objetivos da própria escola e os dos alunos relacionando as disciplinas e os conteúdos essenciais, as atividades e as experiências que vão possibilitar o alcance dos objetivos.

Apresenta a metodologia de trabalho e os recursos necessários para desencadear a ação educativa. Estabelece um processo de avaliação para verificar se os propósitos da escola e os dos alunos foram alcançados.

Se todos estes elementos, que são fundamentais, não forem planejados, não se poderá esperar bons resultados do processo educacional e de ensino propostos pela escola, pois toda ação assistemática ou não planejada é inconsequente quanto aos resultados esperados.

A escola, através de seu plano curricular, tem a missão de transmitir às novas gerações todo o patrimônio cultural da humanidade. A escola deve, por meio do currículo, ajudar o educando a refletir sobre os grandes ideais da humanidade, representados pela cultura e pela civilização, e, a partir desta reflexão, interpretá-los e recriá-los para o viver presente.

O currículo, para ser um verdadeiro guia na transformação da cultura e do saber, para que possa estabelecer uma relação entre a herança cultural e o viver presente e futuro. Deverá expressar e definir quais os objetivos a serem alcançados a longo, médio e curto prazo, sempre em relação ao desenvolvimento do indivíduo como pessoa humana.

O currículo deve representar uma sequência de conhecimentos significativos para a vida presente, desenvolvendo habilidades, fornecendo princípios e diretrizes, que possam ser úteis à vida futura do indivíduo. Deve relacionar, de forma gradual, todas as experiências que possam ser desencadeadas e promovidas no ambiente escolar. Deve ainda, evidenciar todas as oportunidades de integração e correlação dos conhecimentos, para que o educando possa promover a aplicação do aprendido na vida prática.

Fases para o Planejamento Curricular

O primeiro passo a ser dado para a elaboração de um planejamento curricular é um amplo estudo da realidade social, política, econômica e religiosa da comunidade a que se destina o pretendido currículo. Num

segundo momento, se torna necessário o estudo da filosofia que orienta a educação e que estabelece os ideais e os valores humanos.

Num terceiro momento, se faz necessário um estudo dos fatores sócio-culturais que influenciam no comportamento das pessoas, no âmbito da sociedade, e também dos fatores psicológicos que podem interferir no processo educacional.

Há que se destacar um outro elemento, ou seja, a análise das teorias de ensino, que podem favorecer e dinamizar o processo ensino-aprendizagem. É também necessário fazer uma análise das bases legais que orientam e estabelecem as normas para todo o sistema educacional do país.

Após o estudo desses elementos há que se tomar as seguintes decisões:

- Estudo e análise dos objetivos amplos da educação; definição dos objetivos, a nível de escola; definição dos objetivos das disciplinas e dos seus conteúdos.
- Seleção e organização das disciplinas e conteúdos mais significativos para atingir os objetivos.
- Seleção dos melhores procedimentos e técnicas de ensino que mais facilmente favoreçam a consecução dos objetivos.

- Seleção dos recursos materiais e humanos que mais favorecem e auxiliam o professor e o aluno na efetivação do ensino e da aprendizagem.
- Definição e organização de um processo de avaliação, relacionado e adequado aos objetivos propostos no plano curricular.

Todos esses elementos estruturados, tendo como meta o alcance dos objetivos, constituem as partes integrantes de um plano curricular. Devem estar intimamente relacionados entre si, sempre numa dependência lógica e hierárquica com os objetivos; por isso, eles são os instrumentos dos outros elementos, que formam e estruturam o plano curricular. Os elementos que fazem parte integrante do plano e que devem estar intimamente relacionados com os objetivos são:

- ✓ Os resultados da sondagem;
- ✓ Os objetivos;
- ✓ Os conteúdos;
- ✓ Os procedimentos;
- ✓ Os recursos;
- ✓ O processo de avaliação.

Exercício:

1. Faça um breve resumo desta Unidade sobre **Currículo Escolar**, destacando:
 - Definição de currículo;
 - Planejamento curricular;
 - Importância da Plano Curricular;
 - Currículo X Cultura; Fases do Planejamento curricular; Elementos do plano Curricular.

UNIDADE V

PLANO DE CURSO E PLANO DE DISCIPLINAS

Plano de curso é a organização de um conjunto de matérias, que vão ser ensinadas e desenvolvidas em uma escola, durante um período relativo à extensão do curso em si, exigido pela legislação ou por uma determinação explícita, que estabelece a certas normas ou princípios orientadores.

Uma série de matérias ensinadas numa escola ou classe de acordo com um programa, constitui um curso para diferentes níveis de ensino, como por exemplo, 1º, 2º ou 3º graus. Estas matérias do curso são estruturadas de acordo com um núcleo comum, obrigatório e por uma parte diversificada.

Os professores não fazem o Plano de Curso, porque ele já existe na escola – é aquele que foi elaborado quando o curso foi implantado. O que os professores devem fazer e fazem, anual, semestral ou bimestralmente, são os planos de suas disciplinas. O plano de disciplina é uma decorrência lógica do plano de curso e do plano curricular da escola.

O plano de disciplina segue uma metodologia própria e bem diferente do plano de curso. O plano de disciplina é bem mais específico, sendo relativo a uma disciplina ou parte de conteúdos desta mesma disciplina. Portanto, os planejamentos relativos às disciplinas não são planejamentos de curso, mas de disciplinas.

Os Alunos e o Planejamento da Disciplina

A UNESCO, em 1968, alertava os especialistas em planejamento, para o seguinte:

“... estar cada vez mais consciente de que um planejamento educacional realista e eficaz supõe a informação e a consulta ao conjunto da sociedade e de ele próprio se constituir num instrumento de democracia e educação”.

O planejamento não é privilégio de um grupo, pelo contrário, ele deve ser o resultado da ação conjunta e participativa das pessoas que vão se envolver na ação. Ele deve ser o fruto de um ato democrático, em que todos possam partilhar das decisões e responsabilidades.

O **planejamento participativo** é a nova visão que se pretende dar ao processo de planejamento, principalmente, nos setores de educação, da escola e do ensino.

O planejar individualista é um ato condicionante do pensar, do prever, do decidir e do fazer; ele é delimitador e reduz o campo das idéias, diminuindo a possibilidade de evolução e transformação da realidade. Será sempre o resultado de uma visão limitada, que pode se opor e contrariar idéias mais abrangentes e significativas; torna-se um instrumento de coação e imposição, pois toma decisões para um universo de pessoas, sem que estas estejam seriamente envolvidas na tomada de decisões. Planejar não pode ser um ato de ditadura.

O planejamento participativo surge das necessidades de um grupo, devido às suas urgências, dos seus problemas e dos seus objetivos.

Uma vez percebidas e analisadas as urgências e necessidades, devem partir para o pensar coletivo. O que se deve fazer então? É a

primeira questão. A partir da situação deve ser pensado um processo para modificar a realidade. Feito isto, o próprio grupo passa a ter condições de criar o seu processo de ação. E da participação grupal vão surgindo as idéias e a organização até chegarem à execução prática.

Assim, o grupo se torna o dono de grupo e não o planejamento o dono do grupo, pois é o grupo que deve pensar e decidir sobre o planejamento e a sua execução.

O planejamento, num primeiro momento, deveria ser pensado pelo professor com seus alunos e, num segundo momento, deveria ser discutido e analisado por todos os professores e setores pedagógicos da escola.

O Plano de Disciplina

Plano de disciplina é um instrumento para sistematizar a ação concreta do professor, a fim de que os objetivos da disciplina sejam atingidos. É a previsão dos conhecimentos e conteúdos que serão desenvolvidos na sala de aula, a definição dos objetivos mais importantes, assim como a seleção dos melhores procedimentos e técnicas de ensino, como também dos recursos humanos e materiais que serão usados para um melhor ensino e aprendizagem.

Além disso, o plano de disciplina propõe a determinação das mais eficazes técnicas e instrumentos de avaliação para verificar o alcance dos objetivos em relação à aprendizagem.

Ao planejar a disciplina, o que o professor realmente faz é planejar o contexto geral da sua disciplina. Este contexto deverá expressar uma unidade de idéias, de princípios, de ação.

Ao planejar a disciplina e os seus conteúdos, o professor sempre deve ter em mente que os conteúdos são **meios e não fins** para atingir os objetivos, por isso, a orientação da ação de planejamento e execução deve estar fundamentada nos objetivos e não nos conteúdos.

A importância do Plano de Disciplina para o Professor

Pensar antes de agir é um ato de habilidade e de sabedoria. Para o professor é fundamental pensar de forma possível a sua disciplina, em todos os aspectos. O planejamento é importante porque:

- Ajuda o professor a definir os objetivos que atendam os reais interesses dos alunos;
- Possibilita ao professor selecionar e organizar os conteúdos mais significativos para seus alunos;
- Facilita a organização dos conteúdos de forma lógica, obedecendo a estrutura da disciplina;
- Ajuda o professor a selecionar os melhores procedimentos e os recursos para desencadear um ensino mais eficiente, orientando o professor no **como e com que** deve agir;
- Ajuda o professor a agir com maior segurança na sala de aula;
- O professor evita a improvisação, a repetição e a rotina no ensino;
- Facilita uma melhor integração com as mais diversas experiências de aprendizagem;
- Facilita a integração e a continuidade do ensino;
- Ajuda a ter uma visão global de toda a ação docente e discente;
- Ajuda o professor e os alunos a tomarem decisões de forma cooperativa e participativa.

Características de um Plano de Disciplina

1) Objetividade e realismo

Um plano que não seja objetivo e realista se torna inviável, inexecutável, e obscuro, portanto, impraticável, sem validade e aplicabilidade. Objetivo para uma realidade. Ser objetivo é ser realista para uma situação concreta e determinada. Por exemplo, se a escola atende a uma comunidade periférica, o plano deve ser adequado a esta realidade. Se ele não atender a esta realidade, não é um plano objetivo e realista.

A clareza deve ser um elemento essencial nos próprios objetivos, na determinação exata dos conteúdos mais importantes e nos modos operacionais. Ela deve se refletir na determinação das técnicas, na determinação objetiva dos recursos e na definição clara e objetiva do processo de avaliação.

2) Funcionalidade

Como o plano é um instrumento orientador para o professor e para os alunos, ele deve ser o mais possível funcional, para que possa ser executado com facilidade e objetividade. Se o plano não for funcional para o professor e para os alunos, ele não tem valor didático, tornando-se inútil, podendo dificultar o ensino do professor e a aprendizagem dos alunos.

Se o plano é um guia, ele deve ser um guia claro, objetivo e viável, a fim de que possa ser trabalhado numa realidade e com as condições próprias da mesma. Se o plano não atender as condições existentes ele se torna impraticável e inoperante, porque os seus agentes tornam-se incapazes de trabalhá-lo.

3) Simplicidade

É importante no momento de planejar, tentar evitar toda e qualquer tendência de complexidade ou rebuscamento pedagógico. **O plano deve ser um meio para simplificar o agir, tornando-o mais lógico e coerente.**

Ao se planejar o ensino, devemos nos abster de certos modismos didáticos, evitando o uso de terminologias complexas e sofisticadas, que só servem para encantar o falso intelectualismo pedagógico de muitos profissionais da educação.

Nesse enfoque a simplicidade no ato de planejar e executar o plano não está ligada à vulgaridade, ou seja, que tal ato seja simplista, ingênuo e sem conteúdo. A simplicidade não nega a profundidade, a lógica, a coerência, a objetividade, a validade e a utilidade. É bem possível tratar de problemas profundos e sérios de forma objetiva e simples.

O plano deve ser claro e simples na sua estrutura, na sua organização, na sua dinamicidade e funcionalidade, mas profundo no seu conteúdo.

4) Flexibilidade

A flexibilidade é uma característica de fundamental importância para os planos de ensino, tornando-os mais realistas e possíveis de serem adaptados às novas situações não previstas, que possam ocorrer.

Todo o plano que não obedecer ao princípio da flexibilidade, que não possa ser mudado ou reestruturado, quando necessário, está fadado ao fracasso, podendo se tornar um meio de dominação. Planejar não significa tornar o agir irreduzível e imutável. Um plano não deve ser rígido, estar acabado e pronto; havendo a necessidade de reestruturar um plano,

embora esteja sendo agilizado, não só é possível fazê-lo como deve ser feita a mudança.

5) Utilidade

A utilidade, a validade e a profundidade são princípios que dão consistência a toda a estrutura do plano, no que diz respeito ao seu conteúdo e à sua dinâmica.

O plano, no seu contexto geral, poderá, de fato, ajudar, ser útil e significativo a todos os que nele vão se envolver? Este é um questionamento que todos os educadores devem fazer. A utilidade de qualquer plano de ensino vai depender da possibilidade de transformação e em que nível se processa esta transformação no aluno.

Toda mudança que não seja significativa e profunda, ela passa a ser destituída de qualquer significado. Um plano para ser útil e significativo, antes de tudo, deve ser constituído de uma seriedade pedagógica, que atenda as reais urgências e necessidades dos alunos.

Antes de agilizar o plano, os professores devem se perguntar:

- São os objetivos propostos e definidos, significativos e portadores de sentido?
- Apresentam consistência de valores humanos?
- Apresentam princípios norteadores que sejam úteis para as pessoas?
- Expressam ideais, idéias e princípios válidos para o ser humano, em todas as suas dimensões?

- Os conteúdos relacionados e estruturados no plano de ensino, são conteúdos significativos? Ou são meras linguagens, sem sequência, estrutura e utilidade?

Para serem úteis, os conteúdos necessitam de organização e integração de conceitos, conhecimentos e experiências em relação aos objetivos e interesses dos alunos. Tais elementos devem estimular e desencadear novas aprendizagens.

Enfim o que foi planejado só será válido se for algo importante e útil para o aluno, que tenta buscar, na escola, a sua formação integral como pessoa humana.

Etapas para a elaboração de um planejamento de disciplina

Sendo que o planejamento é um processo evolutivo, que se desenvolve numa sequência dinâmica e progressiva, torna-se importante estudar e analisar cada uma das etapas do planejamento, na sua ordem lógica para podermos entender a sua estrutura e organização funcional.

Ao se planejar uma disciplina para uma determinada turma ou classe, temos que obedecer a seguinte ordem ou estratégia para um melhor entendimento da sua sequência e das etapas, quais sejam:

- Conhecimento e análise da realidade do aluno, do professor, da escola e da comunidade;
- Delimitação dos conteúdos mais significativos para atingir os objetivos;
- Escolha dos melhores procedimentos e técnicas de ensino;

- Seleção dos possíveis e melhores recursos humanos e materiais;
- Estabelecimento dos melhores processos de avaliação, assim como as melhores técnicas e instrumentos.

Sondagem: Alunos, Professores, Escola e Comunidade

Sondagem é um processo que proporciona a possibilidade de pensar sobre a realidade nos seus mais diversos aspectos que possam interferir numa futura ação. Sondar é tentar conhecer uma situação concreta e real sobre a qual se pretende atuar. É investigar ou pesquisar a realidade, para poder, a partir da sua atuação, pensar e preparar uma ação consciente, realista, organizada e apropriada para aquela situação determinada.

Ao planejarmos uma disciplina para uma determinada classe, não podemos ter como base, exclusivamente a disciplina como tal, pois o foco de referência principal para o planejamento é o aluno, sobre o qual o ensino da disciplina vai exercer influências significativas ou negativas. Para que tal conhecimento ocorra, de fato, antes de planejar a disciplina, o professor necessita conhecer alguns aspectos sobre seus alunos, tais como:

- Seus objetivos, interesses, motivos, gostos pessoais;
- Suas necessidades e possibilidades humanas e materiais;
- As capacidades individuais e grupais;
- O domínio de determinados conteúdos ou conhecimentos;
- Seus hábitos de estudo;
- As influências que sofrem fora da escola;

- As carências humanas, na família, na escola e na sociedade;
- O comportamento individual e social;
- A herança cultural, social e familiar;
- A vivência social.

A sondagem será necessária, principalmente, se o professor ou a escola não tiverem dados concretos sobre os alunos, de modo especial, se estes lhe são desconhecidos.

O planejamento da disciplina só pode ser realizado após a sondagem, proporcionando a determinação de um verdadeiro diagnóstico que permita ao professor e aos alunos projetarem o seu trabalho sobre a disciplina.

Definição dos Objetivos

Conhecida e analisada a realidade dos alunos, dos professores e da escola, o momento mais importante passa a ser a definição e a delimitação dos objetivos dos alunos e dos professores, em relação à disciplina e aos conteúdos, que vão ser ensinados e estudados.

A definição e a delimitação dos objetivos constituem o momento mais importante e crucial do ato de planejar. Os objetivos se tornarão os determinantes de toda a estrutura e desenvolvimento do ato de planejar e executar o plano na sala de aula.

Todas as decisões a serem tomadas no planejamento e na própria dinâmica da agilização do plano devem se fundamentar nos objetivos, pois estes são a força e a alma do plano. São os indicadores que contêm os critérios para a seleção dos outros elementos que constituem o plano, tais como: **conteúdos, procedimentos, recursos e o processo de avaliação.**

Os objetivos indicam as linhas, os caminhos e os meios para toda a ação. Sem direção, o fim será incerto e duvidoso. Somente a partir desta etapa, é que se pode passar para a seguinte, depois de já se ter delimitado e definido o que se pretende alcançar no final de um processo.

Características para uma boa definição dos objetivos

O que é um objetivo? Objetivo é um propósito ou alvo que se pretende atingir. O objetivo é tudo aquilo que se quer alcançar através de uma ação clara e explícita.

O que é ser objetivo? É ser claro, simples, visível, expresso, evidente, manifesto.

Uma boa definição dos objetivos deve apresentar as seguintes características:

- Clareza;
- Simplicidade;
- Validade;
- Operacionalidade;
- Observável – um objetivo que não pode ser observado e avaliado, não é um objetivo.

Níveis dos objetivos de ensino

Os objetivos de ensino na sala de aula são definidos pelos professores em três níveis, que obedecem a certa ordem de especificidade

lógica, partindo do geral até o nível da operacionalidade, que se processa concretamente na sala de aula através da ação.

Os objetivos devem estar intimamente relacionados e logicamente graduados entre si, dos mais amplos aos mais específicos. Portanto, os primeiros devem ser definidos de maneira ampla para que possam englobar os segundos, e estes devem conter os terceiros, que serão operacionais em relação aos conteúdos das disciplinas, das atividades e experiências de aprendizagem.

Teremos, então, objetivos amplos de educação, objetivos da escola, das disciplinas e dos conteúdos. Em relação aos objetivos de ensino, das disciplinas e dos conteúdos, deve ser obedecida a seguinte graduação de níveis:

- Objetivos Gerais;
- Objetivos Específicos;
- Objetivos Operacionais.

O termo geral nos dá uma idéia de amplitude e abrangência. É algo comum à maior parte de um todo. É algo vago e genérico no seu conteúdo, na sua comunicação e expressão, por isso, devem ser melhor explicitados em termos mais concretos.

O termo específico expressa uma ideia particular, que estabelece e indica objetivamente as características e particularidades de algo. Especificar de forma explícita, detalhada e clara uma idéia, um conteúdo ou uma intenção.

Todo o objetivo amplo e vago deve ser especificado para melhor ser entendido. Especificar um objetivo geral é traduzi-lo em objetivos mais concretos e bem explícitos para que possam ser observados e avaliados com maior segurança.

O objetivo operacional é aquele que pode ser executado e atingido através de uma ação concreta e objetiva. É uma decorrência do objetivo específico.

Portanto, definir um objetivo operacional é tornar o específico mais concreto e detalhado para ser melhor trabalhado e avaliado. Ele estabelece, claramente, o comportamento a ser atingido, os critérios quantificados e as condições para alcançá-lo.

Os objetivos operacionais são os que vão ser trabalhados concretamente, na sala de aula, através de atividades e experiências bem determinadas e específicas. São os objetivos observáveis a curto prazo, podendo ser avaliados logo após a execução da atividade. Além disso, eles delimitam o conteúdo e expressam, em termos bem reais e objetivos, o comportamento desejado.

Os objetivos específicos e operacionais representam o desmembramento dos objetivos gerais, sem, contudo, destruir a idéia do todo inserida no objetivo geral. Os critérios estabelecem quantitativa ou qualitativamente o que o aluno poderá atingir, isto é, quantifica ou qualifica o desempenho desejado. As condições indicam quais os materiais, meios, maneiras, recursos ou situações que o aluno usará para demonstrar o alcance dos objetivos.

Exemplos de Objetivos:

- **Objetivo Geral da disciplina de Língua Portuguesa;**

1. Oportunizar ao aluno o desenvolvimento da comunicação oral e escrita da Língua Portuguesa. Deste objetivo serão deduzidos os objetivos específicos, a fim de torná-lo menos vago e mais concreto.

Objetivos específicos:

- 1.1 . Identificar as regras da pontuação;
- 1.2. Definir os diferentes substantivos;
- 1.3. Identificar as classes gramaticais;
- 1.4. Ler o texto da página ---- do livro didático.

Esses objetivos específicos deverão ser traduzidos e definidos operacionalmente, a fim de que indiquem exatamente o que o aluno deve dizer ou fazer de forma bem expressa e clara.

Objetivos Operacionais:

O objetivo operacional, além do comportamento e do conteúdo, deve apresentar claramente o critério e a condição. Os exemplos abaixo, apresentam os elementos necessários para um objetivo ser operacional.

- 1.1.1. Escrever três regras da pontuação, após a explicação do professor.

1.1.2. Elaborar duas frases, aplicando a regra da vírgula, consultando a gramática.

1.1.3. Citar cinco exemplos de substantivos abstratos, após a leitura de um texto.

1.1.4. No período de 30 minutos, ler dois textos indicados e comentá-los no grupo.

Seleção dos Conteúdos da Disciplina

Definidos os objetivos da disciplina, a etapa seguinte será a seleção dos melhores conteúdos, para atingir os objetivos, porque os conteúdos são meios e não fins. É necessário que se estabeleçam critérios para a seleção de conteúdos significativos e realistas. Harold T. Johnson e outros autores apresentam alguns critérios gerais para a seleção dos conteúdos das disciplinas, tais como:

Critérios para a seleção dos Conteúdos

Seleção dos Procedimentos

A seleção e a organização dos procedimentos são formas de atuação desencadeadas, na sala de aula, pelo professor e pelo aluno, tendo em vista a consecução dos objetivos. Trata-se de atividades, procedimentos, métodos, técnicas e modalidades de ensino, selecionados com o propósito

de facilitar a aprendizagem. São os diversos modos de organizar as condições externas mais adequadas à promoção da aprendizagem.

Para que todos os procedimentos, métodos e técnicas selecionados sejam eficientes na consecução dos objetivos, devem ser:

- Planejados tendo como ponto de referência, os objetivos;
- Adequados aos conteúdos;
- Adequados ao nível dos alunos;
- Adequados às possibilidades da escola, do professor e dos alunos;
- Relacionados aos demais elementos do plano;
- Possíveis de serem aplicados na ação concreta na sala de aula.

Seleção e Organização dos Recursos Didáticos

Os recursos didáticos formam o conjunto de meios materiais e humanos que auxiliam o professor e o aluno na interação do processo ensino-aprendizagem.

Os recursos ou meios para o ensino referem-se aos vários tipos de componentes do ambiente da aprendizagem. “Os recursos ou meios para o ensino referem-se aos vários tipos de componentes do ambiente da aprendizagem, que dão origem à estimulação para o aluno”. (Gagné, 1971).

O ensino fundamenta-se na estimulação, sendo esta favorecida pelos recursos didáticos, que facilitam a aprendizagem. Os recursos didáticos atuam no sentido de despertar o interesse, provocar a discussão e os debates, desencadeando perguntas e gerando novas idéias.

O conhecimento científico depende, em última análise, da observação direta dos fatos e das coisas.

O professor ao planejar a disciplina deve considerar a importância dos recursos e quanto eles podem objetivar o ensino e a aprendizagem, despertar e manter o interesse dos alunos; facilitar a concretização de idéias e fatos; elucidar conceitos, desenvolver a percepção e provocar a ação do aluno.

Os recursos didáticos, em termos gerais podem ser classificados em humanos e materiais. Estes fazem parte do ambiente escolar e comunitário. Em relação ao ambiente, são diversos os recursos que podem ser aproveitados pelos professores e alunos, como por exemplo, os pais, os líderes comunitários, os especialistas em determinadas áreas e outras pessoas inseridas na comunidade.

Na comunidade, a escola pode ainda se servir dos laboratórios, da indústria, do comércio, dos clubes, e demais associações nela existentes.

Na própria escola existe um grande número de recursos humanos. Todo o pessoal escolar se constitui num dos grandes recursos para desencadear um bom ensino.

A escola deve dispor ainda de biblioteca ou sala de leitura, salas especializadas, laboratórios, projetores e materiais específicos para cada disciplina, como mapas, revistas, jornais, discos, fitas e muitos outros. Algumas escolas já possuem material mais sofisticado como computador, Internet, vídeo, que oferecem uma grande contribuição para um ensino de qualidade.

O estudo da relação entre os vários elementos que formam o plano da disciplina é fundamental para se poder determinar quais as prioridades

em relação aos meios instrucionais necessários, para que melhor se processe o ensinar e o aprender.

Os professores e alunos, usando da sua criatividade, podem elaborar e montar os seus próprios recursos de forma simples, que podem ser de muita eficiência na ação didática.

Processo de avaliação

A avaliação é um momento do ensino de muita importância para o professor e para a escola, mas é muito mais importante para o aluno. Para o professor ela é um meio de diagnosticar a realidade dos seus alunos, a fim de realizar uma ação pedagógica, a partir da realidade e das necessidades dos seus alunos.

A avaliação para o professor não deve ser, simplesmente, o objetivo de tentar quantificar o conhecimento através de provas ou testes para atribuir notas ou conceitos, mas deve ser um meio para ajudar o aluno a conhecer melhor a sua realidade.

Ao decidir como avaliar, o professor deve considerar os objetivos da disciplina, os interesses, as possibilidades e as características dos seus alunos.

A avaliação é importante para o aluno, porque através dela ele pode conhecer a sua situação. O verdadeiro significado da avaliação resume-se em capacitar o educando a se conhecer melhor, saber da sua situação em termos de aproveitamento escolar. O aluno deve ser o mais interessado em ser avaliado para que ele possa constatar a sua realidade escolar.

Sendo a avaliação a última etapa do processo ensino-aprendizagem, ela deve fazer parte integrante do mesmo. Por isso, ao se planejar a disciplina, se faz necessário definir e estabelecer, claramente, o processo,

a forma, as técnicas e os instrumentos de avaliação que vão ser empregados.

É necessário expressar claramente o modo como será realizada a avaliação, que será efetuada através de testes dissertativos, testes objetivos, exercícios individuais ou grupais, trabalhos de pesquisa, apresentações por escrito e orais, participação nas atividades, interesse ou meios que possam ajudar a avaliação do desempenho escolar do aluno. A avaliação deve de fato, atender as condições intelectuais, emocionais e as habilidades psicomotoras dos alunos.

Considerando todos esses passos, é de fundamental importância, a partir do plano, que os alunos possam verificar e perceber com clareza o porquê das avaliações, de que forma serão avaliados e quais os critérios que serão adotados na avaliação da sua aprendizagem.

Exercícios sobre o texto

1. Por que o planejamento é muito importante para o professor?
2. Quais devem ser os critérios adotados para a seleção de conteúdos significativos e realistas?

UNIDADE VI

PROJETO

1. Justificativa

Considerando que a vida do homem é um eterno projetar, dar preferência à realização das atividades escolares em forma de projeto, é uma forma segura de eliminar o distanciamento entre a vida e a escola, além de propiciarmos a integração do educando à própria vida.

O “Método de Projetos”, enquadra -se predominantemente no modelo de ensino que dá ênfase à interação social, permite o atendimento, de forma equitativa, às diferenças individuais, ao desempenho do aluno, bem como ao desenvolvimento de habilidades cognitivas.

Qualquer dos modelos de ensino em uso pelo professor permite a introdução do Método de Projetos, com a vantagem de acrescentar ao ensino a oportunidade do aluno aprender a fazer, fazendo; a viver, vivendo.

2. Caracterização

Acreditamos ser o projeto um meio pedagógico por excelência, considerando que tanto professor quanto alunos atuam como sujeitos ativos na situação metodológica propiciada pelo projeto.

No projeto, o processo educativo se baseia numa metodologia ativa, ou seja, no “aprender fazendo”. A participação dos elementos envolvidos

oportuniza integração que favorece o crescimento individual e grupal, além de permitir uma consciência crítica capaz de propor reais soluções.

A operacionalização do comportamento sensório-motor, verbal e mental, deve constituir a preocupação do educador para que possa ser atingido o objetivo máximo da educação: o desenvolvimento integral da personalidade do aluno.

Para Kilpatrick, considerado o sistematizador do projeto no ensino, projeto é uma atividade valiosa, unitária e intencional, realizada em situação real, cujo objetivo determina o seu rumo, guia seus passos até sua completa realização.

A concretização de um projeto exige uma postura de competição positiva, de compromisso interno ou pessoal na busca de solução de um problema, para que o objetivo educacional almejado seja plenamente alcançado.

O papel do professor no projeto é de incentivador, orientador, auxiliar, enquanto o aluno torna-se o agente da sua própria aprendizagem. A atitude do professor em relação ao conteúdo da matéria, sua relação com o aluno, a maneira como informa ao educando seu progresso é de importância vital para a aprendizagem. Recursos valiosos, como computador, Internet, filmes, laboratórios, bibliotecas, etc., de nada valerão se o professor falhar como “pessoa”.

Segundo Stevenson, quatro elementos característicos observam-se num projeto:

- Raciocínio X informação de memória;
- Ação conduzida por sua própria vontade X informação;

- Ambiente natural da aprendizagem X ambiente artificial da aprendizagem;
- Prioridade do problema X prioridade dos princípios.

Aguayo apresenta as seguintes características de um bom projeto:

- Uma atividade intencional e bem motivada;
 - Que tenha alto valor educativo;
 - Que consista em fazer algo;
 - - Resultados atingidos pelos próprios alunos;
 - - Realização em seu ambiente natural.

O projeto busca colocar o aluno em situação de questionamento para que possa:

- Meditar sobre suas escolhas;
- Tomar consciência sobre o que aprecia;
- Manejar de forma motivada e inteligente materiais postos a sua disposição;
- Expressar idéias, sentimentos, atitudes, crenças de forma responsável.

3. Fases Típicas da Elaboração de um Projeto

O projeto se constitui de um processo de planejamento, execução e controle constantes para assegurar uma contínua vigilância das atividades, culminando com a execução do plano traçado e avaliação dos resultados obtidos.

Fases ou etapas de um projeto são:

- Definição do objetivo (formulação do propósito)

O aluno deve saber com clareza onde quer chegar; é o momento em que o valor do trabalho conscientizado se tornará a mola propulsora para que os fins sejam alcançados.

Caberá ao professor estabelecer na turma um clima favorável para facilitar a tarefa. Através de perguntas, estímulos diversos e recursos variados, o aluno será colocado em posição de receptividade, reconhecendo a necessidade do projeto e propondo-se a realizá-lo.

4.- Planejamento das atividades – elaboração do plano de trabalho

Se constitui na relação dos procedimentos necessários para execução do plano, observando-se a sequência em que estes serão realizados.

-
- Programação

É uma das atividades básicas da administração do projeto. Instrumentos administrativos vários facilitam a formulação de planos e programas de acordo com o grau de complexidade exigido.

Detectada a necessidade de realizar um projeto, é importante conhecer previamente seu significado, alcance e repercussão em custos e tempo. A planificação é, portanto, um fator indispensável.

- Execução do plano e programa

É a etapa da ação. O professor deverá estar atento ao desempenho dos alunos, observar o rendimento do trabalho, incentivar o aluno com elogios, manifestando apoio e reconhecimento pela dedicação.

O professor deve ter cautela para não auxiliar com exagero, tirando dos alunos o prazer pela descoberta, procurando atendê-los de acordo com suas necessidades.

- Controle do progresso

O professor, através dos instrumentos variados como fichas, observação direta, auto-avaliação etc., deverá acompanhar o progresso do aluno.

Elogio geral é de pouco valor e crítica rigorosa não incentiva ninguém. Chamar o aluno pelo nome, ressaltar seus pontos positivos é de alta significação para a melhoria do desempenho ou mudança de comportamento e para elevar a auto-estima.

- Planejamento e reprogramação

Ao concluir o planejamento, faz-se um reexame de todos os elementos abordados para substituir ou incluir o que for necessário, efetuando-se a seguir o registro do que realmente será executado.

A cada etapa do projeto deve também se fazer o replanejamento e a reprogramação dos desvios detectados para assegurar o alcance dos propósitos desejados.

- Culminação

É indispensável ao término do projeto a exibição do resultado por meio de um produto completo, palpável, comprovando que os esforços canalizados para atingir o objetivo foram alcançados e válidos.

Roteiro-Sugestão para Avaliação de Projeto

As perguntas a seguir relacionadas, são susceptíveis de mudança, de acordo com as circunstâncias e com o caso concreto de cada projeto.

Quanto aos antecedentes:

- Os dados para compreender a situação ou problema a que se quer dar solução são suficientes?

- São atuais e merecem confiabilidade os dados ou cifras do diagnóstico ou análise do problema?
- Analisou-se suficientemente a situação?
- Foram determinados os principais aspectos do problema?

Quanto aos objetivos:

- Correspondem os objetivos às situações problemáticas estabelecidas?
- São claros e precisos?
- Foram estabelecidas e quantificadas as metas que se desejavam alcançar?
- Os objetivos do projeto estão de acordo com os objetivos e a política da instituição?

Quanto à metodologia?

- Verificou-se mais de uma forma de chegar ao objetivo?
- A metodologia sugerida atende aos objetivos do projeto?
- O plano obedece a uma sequência lógica?
- Foram incluídas todas as atividades principais?
- Os recursos técnicos foram utilizados adequadamente?
- Foram levadas em consideração as experiências anteriores da própria instituição?
- A instituição se compromete a assumir a responsabilidade do projeto?

Quanto à programação

- Foram estabelecidas as datas-limites mais importantes?
- Foi estimado o tempo necessário para todas as atividades e este será adequado à realidade?
- Foi previsto o prazo de tolerância ou margem razoável para prevenir imprevistos?
- É adequado o prazo total requerido para o desenvolvimento do projeto?

Quanto aos recursos humanos

- A pessoa designada como executivo ou responsável pelo projeto reúne características de iniciativa, dinamismo, capacidade de mando e coordenação para levá-lo adiante?
- Estão adequadas à capacidade técnica as pessoas selecionadas para realizar as atividades?
- As pessoas que irão realizar as principais atividades estão disponíveis para assumi-las?
- Tomaram-se medidas para facilitar a coordenação entre os responsáveis pelas atividades?
- Em caso de viabilidade, considerou-se no projeto algum tipo de compensação ou reconhecimento aos responsáveis pelas atividades?
- Foi previsto algum tipo de estímulo ao pessoal? No caso de necessitar-se contratar pessoal para o projeto, é possível selecioná-

lo e contratá-lo oportunamente e de acordo com a remuneração calculada?

- Caso necessário, considerou-se e foi programado certo treinamento do pessoal?

Quanto aos recursos materiais

- São razoáveis as previsões quanto a disponibilidade e uso de instalações e equipamentos?
- Dispõe-se com segurança de local e equipamento para levar adiante o projeto?

Quanto aos recursos financeiros

- As quantias previstas são passíveis de obtenção e em tempo hábil?
- São garantidas as fontes responsáveis pela verba?
- Está completa a previsão?
- Os prazos estimados para obtenção de fundos e pagamentos são realistas em relação a experiência e procedimentos institucionais?

Quanto aos aspectos sociais

- No que afeta a comunidade, ajusta-se o projeto às características sociais e hábitos da mesma?
- Em que aspectos afetam interesses e hábitos da comunidade?

- Foi estabelecida alguma estratégia para neutralizar as resistências e alcançar o objetivo?

Qualquer planejamento deve ordenar, dinamizar, e, assim, facilitar a ação, integrando-o e imprimindo - lhe uma dinâmica evolutiva.

Planejamento e Educação Libertadora

No planejamento, é fundamental a ideia de transformação da realidade. Isto quer dizer que uma instituição (um grupo) se transforma a si mesma tendo em vista influir na transformação da realidade global. Quer dizer, também, que faz sentido falar em planejamento como uma tarefa política, no sentido de participar na organização e na mudança das estruturas sociais existentes. Quer dizer, finalmente, que planejar não é preencher quadrinhos para dar status de organização séria a um setor qualquer da atividade humana.

Isso nos traz á educação libertadora como proposta educacional apta a inspirar um processo de planejamento do tipo proposto neste Curso, como conteúdo significativo deste mesmo processo. Porque a educação libertadora é uma proposta de mudança.

As linhas da educação libertadora podem ser assim resumidas:

- A que converte o educando em sujeito do seu próprio desenvolvimento;
- O meio - chave para libertar os povos de toda a escravidão e para fazê-los ascender de condições de vida menos humanas a condições mais humanas. (Conferência Medellín, Colômbia, 1968).

Ao propor que o educando seja sujeito de seu desenvolvimento, está propondo a existência do grupo, da participação, e como

consequência, a conscientização que gera a transformação. Basicamente está dando ao pedagógico a força que ele realmente pode assumir como contribuinte de uma transformação social ampla em proveito do homem todo e de todos os homens.

A partir daí, a aproximação entre educação libertadora e planejamento educacional sublinha as mesmas ideias básicas, de grupo, de participação, de transformação da realidade.

Um processo de planejamento exige, quando se pretende o bem de todos, que a participação aconteça em cada momento e em cada ação.

Não se trata de que alguns sabem mais e por isso agem, permitindo a participação. Trata-se de todos agirem juntos em cada situação. Melhor: trata-se de construirmos todos juntos com a contribuição que temos a dar, coordenados por aqueles que têm, por algum motivo, algum destaque, cuja atuação será até menor nas decisões, uma vez que estarão mais engajados a promover a vontade do grupo.

Cada grupo sabe o que é bom para si, mesmo que a alguns pareça que as pessoas sejam ignorantes porque não sabem as mesmas coisas que eles sabem.

É óbvio que cada grupo chega a diferentes patamares, segundo as possibilidades, os esforços, as crenças, os anseios de cada um. É preciso que aqueles que pensam em auxiliar os outros compreendam profundamente que não é auxílio nenhum tomar decisões por esses outros. Auxílio é, se alguém tem mais informação do que outros, pôr a serviço de todo o grupo essas informações e ser, depois, um voto igual aos dos outros na decisão dos rumos.

A verdade é que o melhor auxílio que se pode dar a uma pessoa é incentivá-la e oferecer-lhe informações (quando for o caso) para que ela

se torne mais pessoa, para que assuma suas posições de modo claro, consciente e crítico dentro do grupo.

Para isso o planejamento serve. É, aliás, o modo pelo qual se pode sair do palavreado sobre a participação e ir para sua prática. É, mesmo, fundamental que o processo de planejamento sobre um determinado campo de atividade, principalmente em educação por exemplo, seja entendido como uma contribuição para que, em nossa sociedade, diminuam as diferenças porque a participação é a mola da conscientização. É neste sentido que é importante se compreender o valor do planejamento, seus fundamentos, suas técnicas, seus processos e instrumentos.

É fundamental a compreensão de que o processo de planejamento tem seu senti maior quando se converte em processo educativo. Educar é em primeiro lugar projetar e buscar a própria identidade, seja pessoal, seja do grupo.

Ora, planejar é justamente isso: propor uma identidade e agir para aproximar o que somos (grupo) daquilo que queremos ser.

Educar-se é, em segundo lugar, dotar-se de instrumentos para participar da sociedade.

Num processo de planejamento em que a participação é fundamental, não é exagero insistir várias vezes na necessidade de que as pessoas tenham condições- e capacitação- para participar. Se da educação não resultar a capacitação para a participação, é vã toda a tentativa de estabelecer u processo de planejamento significativo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORDENAVE, Juan Diaz e Martins pereira, Adair. Estratégias de ensino aprendizagem. Ed. Vozes, 3ª ed.,1980.
2. ENRICONE, Délcia et alii. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre, Emma, 1975.
2. MENEGOLLA, Maximiliano. Planejamento curricular numa perspectiva humana. Porto Alegre, PUC – RS, 1978.
3. PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO DO ENSINO – Um manual- Faculdade de Educação – UFRGS, 4ª ed. Globo, Porto Alegre.
4. SALDANHA Louremi E. e Mello, Luzia G> de. Planos de ensino: sugestões de procedimento para sua elaboração. Porto Alegre, ED.UFTGS, 1972.
5. UNESCO. Planificação da Educação. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas, 1971.
7. WHITEAD, A. N. Os fins da educação. Buenos Aires, ED. Paidos, 2.003